

Principais mudanças percebidas pelos pais relacionadas às práticas educativas parentais no contexto da covid-19

Main changes perceived by parents related to parental educational practices in the context of covid-19

Jerusa Lorenzetti da Silva*
Rosa Cristina Ferreira de Souza**

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo identificar a percepção dos pais em relação às mudanças nas suas práticas educativas parentais e sua repercussão em relação aos filhos, na faixa etária dos 6 aos 12 anos, durante a pandemia da Covid-19. Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo desenvolvido a partir da aplicação de um questionário do tipo *Likert* com 26 itens, os quais foram respondidos por 35 participantes que preencheram os critérios de inclusão. Os resultados indicam que as práticas educativas parentais mais prevalentes durante o contexto pandêmico foram a monitoria positiva e o comportamento moral, em detrimento daquelas consideradas negativas, tais como a negligência, a disciplina relaxada, a punição inconsistente e a monitoria negativa. A análise dos dados também permitiu destacar o predomínio do estilo parental autoritativo para a resolução de situações conflituosas. Foi possível identificar que, mesmo diante de um cenário desafiador, a maioria dos pais buscou o diálogo e o afeto como meio para resolução dos conflitos que surgiram com seus filhos durante o isolamento social e tantas outras adversidades trazidas pela pandemia.

Palavras-chave: Práticas educativas parentais; Covid-19; Estilos parentais.

* Psicóloga pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), SC, Brasil; E-mail: jerusalorenzetti@gmail.com

** Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Docente na UNISUL, SC, Brasil; E-mail: rosa.souza@animaeducacao.com.br

Abstract

This research aimed to identify the perception of parents about changes in their parenting practices and their impact on their children, aged 6 to 12 years, during the Covid-19 pandemic. This is a descriptive and qualitative study developed from the application of a Likert-type questionnaire with 26 items, which were answered by 35 participants who met the inclusion criteria. The results indicate that the most prevalent parenting practices during the pandemic context were positive monitoring and moral behavior, to the detriment of those considered negative, such as negligence, relaxed discipline, inconsistent punishment and negative monitoring. Data analysis also highlighted the predominance of the authoritative parenting style to resolve conflicting situations. It was possible to identify that, even in a challenging scenario, most parents sought dialogue and affection as a means to resolve the conflicts that arose with their children during social isolation and so many other adversities brought about by the pandemic.

Keywords: Parental educational practices; Covid-19; Parenting styles.

Introdução

O ano de 2020 será conhecido como um dos mais transformadores na vida de milhares de pessoas. Esse foi o ano em que uma pandemia pegou o mundo de surpresa e fez com que vidas e projetos ficassem em suspenso.

A Covid-19, doença causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), apareceu em dezembro de 2019 na cidade chinesa de Wuhan, espalhando-se rapidamente não apenas naquele país, como também no mundo todo.

Devido à velocidade com a qual essa doença evoluiu, mobilizando um grande volume de recursos e em virtude de seu caráter ainda desconhecido à época, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto do novo coronavírus era considerado uma emergência de saúde pública de importância internacional. (OPAS; OMS, 2020).

Diante desse novo panorama, os governos decretaram medidas para contenção da pandemia, como o distanciamento social, o uso de máscaras e álcool em gel. Trabalho, estudo e lazer passaram a ser realizados dentro de casa, o que impactou de forma direta nas relações familiares.

As crianças não ficaram imunes aos impactos da Covid-19, sentimentos como medo, incertezas e irritabilidade foram algumas das consequências advindas da pandemia. Devido ao grande potencial de contágio da doença e à velocidade com a qual ela se espalhou, 87% de todos os alunos do mundo deixaram de ir à escola, segundo estimativa da Organização das Nações Unidas. (ONU, 2020).

O convívio familiar aumentou consideravelmente em virtude do fato de que o trabalho e o estudo passaram a ser realizados no âmbito doméstico. A rotina de pais e filhos foi drasticamente alterada e, com isso, a forma de educar as crianças e os adolescentes também sofreu adaptações ou até mesmo transformações.

Ao exercer a parentalidade os pais utilizam determinadas práticas educativas com a finalidade de educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos. O conjunto de práticas educativas utilizadas pelos pais na interação com seus filhos é denominado de Estilo Parental (GOMIDE, 2014), que também pode ser compreendido como o conjunto de atitudes

que os pais possuem em relação aos filhos, o qual irá definir o clima emocional em que as práticas parentais se manifestam. (DARLING; STEINBERG, 1993).

Por meio das práticas educativas parentais, os pais têm o objetivo de guiar o comportamento dos filhos para que sigam determinados princípios morais e possam adquirir um amplo repertório de comportamentos que possam lhes fornecer independência, autonomia e responsabilidade, para que no futuro consigam exercer seu papel social. (GOMIDE, 2003).

As adversidades familiares desencadeadas durante a pandemia da Covid-19 requerem práticas educativas positivas, que auxiliem no comportamento e desenvolvimento saudável da criança nesse período tão conturbado trazido pelo coronavírus. Faz-se necessário o desenvolvimento de novas rotinas e a flexibilização de algumas regras e limites diante do isolamento prolongado e do confinamento familiar, inerentes à situação pandêmica e às alterações nas formas de estudo e trabalho. As aulas *online* e o trabalho remoto criaram demandas tais como a necessidade do compartilhamento de ambientes dentro de casa e o uso prolongado de equipamentos eletrônicos. (PRIME; WADE; BROWNE, 2020).

Diante de momentos de crises e incertezas, os pais podem se tornar mais severos, uma vez que, expostos a altos níveis de estresse seus recursos mentais e emocionais são drenados, tornando a tarefa de educar os filhos de maneira positiva extremamente desafiadora. (PRIME; WADE; BROWNE, 2020).

Ainda em relação aos impactos psicológicos advindos de um período de pandemia, a cartilha desenvolvida pela Fundação Osvaldo Cruz discorre acerca do que se pode esperar em um cenário como este:

Durante uma pandemia é esperado que estejamos frequentemente em estado de alerta, preocupados, confusos, estressados e com sensação de falta de controle frente às incertezas do momento. Estima-se, que entre um terço e metade da população exposta a uma epidemia pode vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, caso não seja feita nenhuma intervenção de cuidado específico para as reações e sintomas manifestados. Os fatores que influenciam o impacto psicossocial estão relacionados a magnitude da epidemia e o grau de vulnerabilidade em que a pessoa se encontra no momento [...]. (FIOCRUZ, 2020b, p. 2).

O público-alvo desta pesquisa são pais com filhos na fase dos 6 aos 12 anos, pois nesta faixa etária ocorre a alfabetização e o aumento significativo das demandas escolares, as quais passaram a ser um desafio para os pais diante do ensino remoto. Esse é também um período marcado por importantes mudanças de ordem cognitiva e psicológica na vida das crianças, aspectos que foram diretamente afetados com o advento da pandemia, trazendo novos desafios aos pais.

Temas envolvendo as consequências psicológicas advindas da pandemia são atuais e necessários para a compreensão da mudança no comportamento de pais e filhos. Entretanto, ainda existem poucas informações sobre quais foram as principais mudanças percebidas pelos pais com relação às suas práticas educativas parentais no contexto da Covid-19. Em pesquisa realizada nas bases de dados Scielo, Pepsic e Google Acadêmico, foram encontrados artigos que abordam as consequências do isolamento social para a saúde mental das crianças, ou o estresse vivido pelos pais diante do cenário pandêmico. Fernandes, Caiado e Moreira (2020) apresentam um estudo sobre a parentalidade em tempos de pandemia, analisando aspectos relativos à saúde mental e estratégias parentais para lidar com os desafios da Covid-19. Iglesia

(2020), por sua vez, discorre sobre a parentalidade e o desenvolvimento infantil em tempos de pandemia, enquanto Heilborn, Peixoto e Barros (2020) abordam questões referentes às tensões familiares em tempo de pandemia.

Dessa forma, constata-se que ainda existem poucos estudos abordando as consequências do impacto que esta pandemia trouxe para a relação pais-filhos no que diz respeito especificamente à forma como passaram a educá-los em uma realidade tão diversa daquela então conhecida.

Este estudo encontra sua justificativa e importância no sentido de auxiliar os pais a compreender de que forma este período de pandemia afeta sua rotina e a de seus filhos e como tudo isso impacta nas suas práticas educativas, possibilitando uma melhor orientação diante dos desafios oriundos do atual contexto no qual percebe-se mudanças profundas nas atividades e rotina familiar.

Diante desse cenário o presente projeto busca responder ao seguinte questionamento: Quais foram as principais mudanças percebidas pelos pais relacionadas às suas práticas educativas parentais no contexto da Covid-19?

Para alcançar este objetivo, buscou-se identificar os seguintes aspectos relacionados ao contexto da pandemia: a) identificar mudanças observadas na relação pais-filhos relacionadas às possíveis alterações ocorridas nas práticas educativas parentais; b) identificar as principais práticas educativas parentais aplicadas durante a pandemia da Covid-19; c) identificar quais práticas educativas parentais que contribuíram para dirimir conflitos familiares (pais-filhos) surgidos durante a pandemia da Covid-19; d) identificar quais práticas educativas parentais promoveram mudanças avaliadas como positivas no comportamento dos filhos; e) identificar quais práticas educativas parentais podem estar relacionadas aos comportamentos dos filhos julgados como inadequados; f) identificar desafios encontrados pelos pais para organizar a rotina familiar em relação aos filhos.

Práticas educativas parentais

Práticas educativas podem ser compreendidas como o conjunto de técnicas e estratégias utilizadas pelos pais com o intuito de proporcionar a melhor educação para os filhos, controlar os seus comportamentos e prepará-los para o convívio em sociedade. Ao conjunto de práticas educativas utilizadas pelos pais na interação com seus filhos denomina-se Estilo Parental. (GOMIDE, 2014).

No que tange aos estilos parentais, eles têm a tendência de serem menos variáveis do que as práticas educativas, uma vez que incluem perspectivas globais das interações pais-filhos, considerando o contexto afetivo no qual as estratégias ocorrem. Nesse sentido lecionam Reppold *et al.* (2002, p. 23):

Os estilos parentais podem ser definidos como um conjunto de atitudes e manifestações dos pais em direção a seus filhos que caracterizam a interação entre esses. Tais expressões são moderadas pela efetividade de práticas educativas particulares no processo de socialização dos filhos. Referem-se a avaliações qualitativas de diversas situações que envolvam os padrões de controle e afetividade que os pais adotam em relação ao filho diante de questões de hierarquia, disciplina e tomada de decisão.

Ainda no intuito de diferenciar práticas educativas de estilos parentais, Hoffman (1994) destaca que as práticas educativas estão relacionadas a situações específicas presentes na rotina da parentalidade, as quais traduzem-se por meio das estratégias utilizadas pelos pais na educação de seus filhos.

Os estilos parentais, por sua vez, “envolvem dimensões da cultura familiar como a dinâmica da comunicação familiar, do apoio emocional e de controle presentes nas interações pais-filhos”. (PACHECO; SILVEIRA; SCHNEIDER, 2008, p. 67).

Baumrind (1966) propôs algumas mudanças na forma de definir e investigar as práticas educativas. Ao analisar a relação entre pais e filhos, a autora percebeu duas importantes dimensões para o exercício da parentalidade, sendo elas a responsividade e o controle.

Os estudos a respeito da relação pais e filhos, tiveram um marco importante a partir do modelo teórico proposto por Baumrind (1966) sobre os tipos de controle parental. O trabalho da referida autora serviu de base para uma nova forma de pensar acerca dos estilos parentais, integrando aspectos emocionais e comportamentais dessa relação.

A forma com a qual os pais educam seus filhos é determinante para que tenham comportamentos sociais considerados adequados. Nesse sentido, Baumrind (1966) classificou os estilos parentais a partir de três tipos de controle: o autoritativo, o autoritário e o permissivo. Cumpre destacar que, embora diversos estudos sobre o tema tenham sido realizados após as primeiras publicações da referida autora, ela continua figurando como referência para pesquisadores contemporâneos.

Conforme leciona Baumrind (1966), os pais autoritativos procuram direcionar as atividades dos filhos de forma racional e orientada, incentivando o diálogo e compartilhando com a criança o raciocínio relacionado à maneira como agem. Quando o filho não concorda com determinada regra, esses pais solicitam a sua opinião e procuram compreender o que levou a criança a pensar daquela forma. Nesse modelo, a parentalidade é exercida de maneira firme em relação aos pontos de divergência, sempre explicando a sua perspectiva de adulto, porém sem deixar de ouvir a criança, compreendendo que ela possui interesses inerentes à idade e sua própria maneira de pensar. O objetivo desses pais não é que os filhos sempre lhes agradem, mas sim o de orientar suas decisões a partir do diálogo e não baseadas naquilo que a criança deseja.

Esse tipo de controle prepara melhor os filhos para a autonomia, e é considerado o melhor e mais efetivo dos três tipos de controles parentais propostos por Baumrind (1966).

Por sua vez, segundo Baumrind (1966), no tipo de controle autoritário os pais modelam, controlam e avaliam o comportamento dos filhos a partir de regras de conduta estabelecidas e, na maior parte das vezes, absolutas. Nesse estilo de parentalidade a obediência é considerada uma virtude e os pais são favoráveis ao uso de medidas punitivas para lidar com comportamentos que julgam inadequados ou que entrem em conflito com o que eles entendem como correto. Esses pais e mães exigem sempre o máximo e têm como principal preocupação a maneira como seus filhos serão no futuro.

Os pais permissivos, de acordo com Baumrind (1966), procuram se comportar de maneira não punitiva e passiva diante dos comportamentos e desejos de seus filhos, evitando confrontações.

Os estudos acerca dos estilos parentais seguiram e, na década de 80, Maccoby e Martin (1983 apud BENCHAYA et al., 2011) apresentaram um modelo teórico de estilos

parentais a partir de duas dimensões denominadas exigência e responsividade. A exigência está relacionada às atitudes dos pais que têm o objetivo de controlar e monitorar o comportamento dos filhos, estabelecendo regras e impondo limites. A responsividade, por sua vez, diz respeito às atitudes compreensivas dos pais, as quais buscam, por meio da comunicação e do apoio emocional, estimular o desenvolvimento da autonomia e da autoafirmação dos seus filhos.

Palácios e Hidalgo (2007) afirmam ser possível diferenciar alguns pais de outros a partir do tom emocional que norteia o relacionamento com os filhos, da sintonia que ocorre entre eles e do quanto conseguem realizar trocas e manter uma boa comunicação entre si.

Com relação ao controle, este pode ser compreendido pelo nível de exigências e disciplina impostas aos filhos. Neste quesito, existem os pais mais ou menos exigentes no que diz respeito ao cumprimento de regras e ao estabelecimento de limites. Eles podem exercer um controle menor em relação ao cumprimento de regras, ou terem uma conduta mais severa, exigindo que as normas sejam observadas de maneira firme e coerente. (PALÁCIOS; HIDALGO, 2007).

Gomide (2014) propôs um modelo teórico de estilo parental composto por sete práticas educativas, sendo cinco delas relacionadas ao desenvolvimento do comportamento antissocial e duas promotoras de comportamentos pró-sociais. De acordo com a autora, as práticas educativas positivas são a monitoria positiva e o comportamento moral.

A monitoria positiva “envolve o uso adequado da atenção e a distribuição de privilégios, o adequado estabelecimento de regras, a distribuição contínua e segura do afeto, o acompanhamento e a supervisão das atividades escolares e de lazer”. (GOMIDE, 2014, p. 8).

O comportamento moral, segundo Gomide (2014), visa à promoção de virtudes como a empatia, senso de justiça, trabalho, generosidade, responsabilidade e da capacidade de reconhecer o certo e o errado com relação ao uso de drogas, álcool e sexo seguro, tendo sempre os pais como exemplo.

As práticas educativas negativas são classificadas como: negligência, abuso físico e psicológico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria negativa. (GOMIDE, 2003).

A negligência é caracterizada como a ausência de atenção, de afeto, pelo descaso, omissão, ou de forma simplificada, pela ausência de amor. Essa prática educativa é associada como um dos principais fatores desencadeadores de comportamentos antissociais em crianças e está relacionado ao histórico de vida de usuários de drogas e álcool e ao comportamento de adolescentes infratores. (GOMIDE, 2005).

O abuso físico e psicológico caracteriza-se pela disciplina por meio de práticas corporais negativas, ameaça e chantagens relacionadas a abandono e humilhação. Já a disciplina relaxada diz respeito ao relaxamento das regras estabelecidas. Nesse cenário os pais estipulam as regras, fazem ameaças aos filhos caso não as cumpram, porém quando esses os confrontam, acabam por deixar de lado seu papel de educadores, evitando assim o embate. (GOMIDE, 2003; 2005; 2014).

Na punição inconsistente o que orienta os pais na hora de punir ou reforçar um comportamento realizado pelos filhos é o seu estado de humor e não a gravidade do ato praticado, como bem exemplifica Gomide (2014, p. 30):

[...] se a mãe pune a criança algumas vezes e outras não, pelo mesmo comportamento, provavelmente o que está determinando a sua conduta não é a ação da criança, mas sim o estado emocional da mãe – mais ou

menos calma. Neste caso, não há interiorização de valores morais, ou seja, a criança não aprende o que é certo ou errado, mas aprende a discriminar quando a mãe está nervosa. Um pai que chegando em casa raivoso bate em seu filho, independentemente do que o filho esteja fazendo, poderá conseguir desencadear na criança um sentimento de rejeição, e estará fazendo com que a punição perca seu poder educativo, pois ficará associada à falta de afeto e amor. A criança aprende a discriminar o humor da mãe ou do pai e não o ato praticado, se bom ou ruim, se adequado ou inadequado.

A monitoria negativa, por sua vez, gera para os filhos um ambiente de convivência familiar hostil, isso porque existe o excesso de instruções independente do seu cumprimento. Essa prática tem como característica a fiscalização e ordens excessivas dadas aos filhos, as quais, em sua maioria, não são obedecidas, o que acaba por criar uma relação baseada na hostilidade, insegurança e dissimulações. (GOMIDE, 2003).

Estabelecer limites, determinar regras e escolher as melhores práticas educativas pode ser um desafio diante dessa representação social onde existe uma supervalorização da criança, a qual está associada a ideia da maternidade como doação e a um anseio coletivo de projetar na criança a esperança de um futuro melhor. Muitos pais ainda sentem a necessidade de proporcionar aos filhos tudo àquilo que não tiveram, sejam bens materiais, carinho ou atenção e com isso acabam por adotar práticas educativas permissivas e compensatórias. (PAGGI; GUARESCHI, 2004).

Vários são os fatores que influenciam nas práticas educativas adotadas pelos pais na criação de seus filhos, sendo os estilos parentais um deles. Cada uma dessas práticas traz consigo consequências específicas em relação à maneira com a qual as crianças irão se relacionar com os demais, sendo um fator determinante para que adotem comportamentos sociais compreendidos como adequados.

O desenvolvimento infantil dos 6 aos 12 anos de idade

A fase do desenvolvimento que vai dos 6 aos 12 anos, período no qual a criança está no ensino fundamental, é marcada por diversas transformações que as diferem das menores. Esse período foi nomeado por Piaget (2011) como operatório concreto, devido aos novos conceitos que possibilitam a criança a usar a lógica. (BERGER, 2017).

A memória, a resolução de problemas, a categorização, o raciocínio e a elaboração de conhecimentos são processos cognitivos mais consistentes e eficazes nesse período dos 6 aos 12 anos de idade. As crianças conseguem ter uma melhor percepção a respeito do que e como pensam, têm a capacidade de avaliar uma tarefa cognitiva e decidir qual a melhor estratégia para realizá-la.

A construção do conhecimento do próprio eu e as mudanças na valoração que fazem de si, também marcam essa fase que traz consigo novas percepções acerca de aspectos relacionados ao autoconceito e à autoestima dessas crianças.

No que diz respeito ao autoconceito, esse grupo consegue fazer discriminações detalhadas na descrição de si mesmos, percebendo com mais clareza que, atividades antes prazerosas, agora já não lhes desperta mais tanta atenção, isto porque adquirem uma maior capacidade de comparação consigo. O próprio “Eu” passa a ser o elemento de referência e

conseguem explorar com mais destreza os conteúdos internos e aqueles de natureza psicológica (PALACIOS; HIDALGO, 2007).

Referente aos aspectos sociais do autoconceito, eles ficarão mais evidentes entre os 8 e 12 anos, período no qual as relações interpessoais e as comparações com outras crianças ficam mais claras. Também se observam generalizações que compõem condutas diversas e conceitos opostos, aumentando o destaque nas descrições relativas a conteúdos e traços internos. Já no que se refere à autoestima, esta vai se tornando mais complexa e diferenciada conforme o passar dos anos (PALACIOS; HIDALGO, 2007).

Como bem pontua Palácio e Hidalgo (2007, p. 258) as práticas educativas familiares demonstram ter um importante papel na autoestima das crianças na fase do ensino fundamental:

Quanto aos determinantes da auto-estima (sic), as práticas educativas familiares parecem ter uma influência decisiva no desenvolvimento de uma auto-estima (sic) mais ou menos positiva, conforme já indicamos ao nos referirmos aos anos precedentes. Em geral, são os pais e as mães com estilo educativo democrático, caracterizado por uma clara e argumentada delimitação das normas, por um nível de exigências alto, mas adequado às possibilidades de cada criança, e por manter relações acolhedoras e afetuosas, baseadas no diálogo constante, no respeito e na aceitação mútua, os que parecem promover uma auto-estima (sic) mais elevada em seus filhos.

Ainda em relação aos aspectos do desenvolvimento social da criança na faixa etária dos 6 aos 12 anos, a família desempenha um papel determinante nesse cenário. O apego seguro com os pais e um estilo educativo democrático, irão proporcionar a criança um ambiente saudável para o seu desenvolvimento. É igualmente importante destacar outros fatores que contribuem para esse bom desenvolvimento, tais como pais sensíveis às necessidades da criança, a ausência de acontecimentos estressantes especiais, pais com uma boa saúde mental e, não menos importante, a existência de uma rede de apoio. (MORENO, 2007).

A fase dos 6 aos 12 anos de idade é marcada por importantes mudanças de ordem cognitiva e psicológica na vida de uma criança. Sua forma de perceber a si e aos outros passa por significativas transformações, assim como a maneira com a qual interagem com o meio, sendo necessária a atenção e sensibilidade de pais, professores e demais pessoas que com ela convivem, no que diz respeito às necessidades e desafios que irão aparecer.

Covid e os desafios da parentalidade

A crise sanitária que se instalou a partir do surgimento da Covid-19 causou impactos de ordem social e econômica, os quais ainda estão sendo mensurados, visto que essa doença continua presente. Dentre as medidas determinadas pelas autoridades governamentais, visando a diminuição da transmissão do vírus, o isolamento social e o consequente fechamento das escolas foi uma das ações que mais impactou a rotina das crianças e obrigou as famílias a se adaptarem a uma nova realidade. (IGLESIA, 2020).

O *home office* e o ensino remoto fizeram emergir novos conflitos oriundos da necessidade do compartilhamento de espaços, em razão de adultos e crianças precisarem permanecer em casa durante períodos prolongados e passarem a realizar suas atividades no

mesmo ambiente. O convívio das crianças com os amigos e demais familiares também precisou ser reduzido em virtude das medidas de distanciamento social, assim como ficaram restritos os momentos de lazer ao ar livre ou em locais diversos do familiar. (PRIME; WADE; BROWNE, 2020).

A fronteira tênue entre vida profissional e familiar tornou-se praticamente inexistente. A partir do fechamento das escolas, os pais viram-se obrigados a assumir o papel de professores, o que, somado às responsabilidades advindas de seus exercícios profissionais e da própria parentalidade, formaram um ambiente altamente estressante e propício para o surgimento de novos conflitos. (LEBOW, 2020).

O lar passou a ser não apenas o local de descanso e convívio familiar, como também o espaço de trabalho para os pais e a escola para os filhos. A partilha desses espaços exigiu adaptações de todos os membros da família para administrar conflitos gerados a partir dessa nova realidade. Os pais também se viram desafiados a manter as rotinas familiares saudáveis, o que lhes demandou tempo e criatividade. (FERNANDES; CAIADO; MOREIRA; 2020).

No contexto pandêmico atual, o exercício da parentalidade é atravessado por desafios constantes, exigindo dos pais escolhas difíceis como voltar ou não para o trabalho, em virtude do medo de trazer o vírus para dentro de suas casas. Enquanto lidam com questões profissionais, precisam atender àquelas provenientes do ensino remoto, surgindo também a necessidade de, muitas vezes, amparar pais ou familiares idosos que precisam de sua ajuda nesse momento. Esses pais experimentam um choque de funções, precisam cuidar dos filhos, serem esposa, esposo, empresários, empregados, irmãos, filhos, cuidadores, professores, dentre outros papéis que possam surgir e lhes exigir tempo e dedicação. Além disso, enfrentam o medo e a incerteza em relação ao futuro, especialmente no que diz respeito à manutenção de seus trabalhos e a forma com a qual irão manter suas famílias seguras, fazendo tudo isso enquanto gerenciam esta colisão de funções, responsabilidades e expectativas. Toda essa situação tende a gerar estresse, o que acaba por reduzir a capacidade dos pais de atender as reações emocionais e comportamentais dos filhos. (COYNE et al., 2020).

Em relação à contaminação pela Covid-19, as crianças são menos atingidas na forma sintomática e grave da doença, entretanto podem ser mais afetadas na esfera psicológica do desenvolvimento por serem uma população vulnerável. (LINHARES; ENUMO, 2020).

Referente à maneira com a qual a pandemia da Covid-19 afeta diversos aspectos relacionados ao desenvolvimento das crianças, Silva et al. (2020, p. 12-28) trazem as seguintes informações:

O contexto pandêmico afeta os relacionamentos, uma vez que o distanciamento social e o perigo de contágio dificultam as interações presenciais; afeta também o senso de competência e de autonomia, em virtude das dificuldades para tomada de decisões diante das incertezas. Se essas necessidades psicológicas básicas sofrem impactos inquestionáveis, os desfechos, adaptativos ou não, dependerão muito do enfrentamento. Crianças e adolescentes estão com suas funções autorregulatórias em desenvolvimento, então é importante que os adultos que interagem com eles durante esse período de confinamento estabeleçam atividades que possam auxiliá-los nesse investimento nas funções executivas.

Ainda no que diz respeito aos efeitos psicológicos da pandemia para as crianças, a cartilha expedida pela Fundação Osvaldo Cruz destaca as seguintes reações emocionais e alterações comportamentais apresentadas durante a pandemia: “dificuldades de concentração, irritabilidade, medo, inquietação, tédio, sensação de solidão, alterações no padrão de sono e alimentação”. (FIOCRUZ, 2020a, p. 4). A fim de manejar essas situações, e as tensões familiares dessa fase, o referido material esclarece às famílias que é possível perder a paciência e sentir raiva e ansiedade em algumas situações. Em virtude disso, uma forma de amenizar esses momentos de crise é estabelecer o diálogo com as crianças, dando espaço para que elas possam falar como estão se sentindo, expressando seus medos, dúvidas e angústias. A sensação de acolhimento irá ajudá-las a compreender que existem momentos difíceis, onde o sofrimento está presente, mas que é possível enfrentá-los para que possam ser resolvidos. (FIOCRUZ, 2020a).

Outra questão importante a ser observada no contexto da pandemia foi o advento do ensino remoto e o conseqüente aumento da demanda pelo uso de telas. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria, o tempo saudável para uma criança fazer uso diário de tecnologia deve ser adequado à sua idade e etapas de desenvolvimento cerebral-mental-cognitivo-psicossocial. De acordo com o referido órgão, o tempo máximo de telas para crianças entre 6 e 10 anos é de uma a duas horas ao máximo por dia, enquanto o público de 11 e 18 anos deve limitar o tempo de telas e os jogos de videogame ao período de duas a três horas por dia, sendo que os pais nunca devem deixar que virem a noite nessas atividades. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2017).

Com o fechamento das escolas, as crianças reduziram a prática de atividade física e aumentaram o seu tempo em frente às telas, ou seja, o uso de tecnologias aumentou consideravelmente. A partir desse fato, observa-se que as crianças se tornaram menos produtivas e fisicamente ativas, adotando hábitos alimentares não saudáveis e prejudicando a rotina do sono. A exposição excessiva às telas somada ao distanciamento social, trouxe outros efeitos maléficos à saúde das crianças, tais como o estresse psicossocial, o qual é intensificado por outras questões como frustrações, incertezas, tédio, medo, informações insuficientes relativas ao que está acontecendo e pelo comportamento atípico dos pais que enfrentam diversos problemas em virtude de instabilidades econômicas e emocionais. (LEE, 2020; NEUMANN et al., 2020).

Diante desses fatos, conseguir controlar o tempo de exposição dos filhos às telas é um dos grandes desafios enfrentados pelos pais no atual cenário da pandemia. Porém, essa não é a única variável que desafia os pais nesse momento tão conturbado pelo qual o mundo está passando, há também a insegurança profissional e financeira, diante da crise econômica instalada a partir do surgimento da Covid-19, o aumento das demandas familiares e daquelas derivadas do ambiente de trabalho e, não menos importante, o medo inerente a uma doença cujo curso ainda está sendo estudado.

Exercer a parentalidade nesse contexto é uma tarefa desafiadora, porém, segundo Iglesia (2020, p. 1590) uma melhor adaptação psicossocial e afetiva das crianças pode resultar da “utilização de práticas educativas que sejam eficazes em criar e manter uma dinâmica familiar com muito afeto e diálogo, baseada em um estilo educativo parental indulgente (evidenciado pelo uso de afeto e baixa severidade)”.

Identificar as práticas educativas que melhor possam auxiliar os pais diante das novas demandas surgidas a partir da Covid-19 e do conseqüente isolamento social, pode ser um

caminho para promoção de saúde mental e de uma relação mais leve e saudável entre pais e filhos, cuja convivência tornou-se mais intensa e, por vezes, desafiadora.

Método

De acordo com os objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, cuja finalidade principal é a descrição das características de determinada população ou fenômeno, podendo também estabelecer relações entre variáveis.

Quanto à abordagem do problema, possui ênfase qualitativa, pois preocupou-se em aprofundar a compreensão acerca da percepção dos pais em relação às mudanças nas suas práticas educativas parentais e sua repercussão em relação aos filhos durante a pandemia da COVID-19 sem preocupação com representatividade estatística e generalização de resultados.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa classificou-se como pesquisa de campo, uma vez que buscou observar os fatos da forma como se apresentam espontaneamente, coletando os dados a eles referentes e registrando as variáveis mais relevantes para analisá-los (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Participantes

Participaram da pesquisa, conforme critério de inclusão, 35 pais com filhos na idade de 6 a 12 anos que constituíram amostra por acessibilidade.

Instrumentos e procedimentos

A coleta de dados foi iniciada após autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Unisul, estando respaldada nos aspectos éticos conforme as resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012, 2016), sendo o parecer de aprovação protocolado pelo número 4.992.088.

Os participantes foram acessados por meio de divulgação em grupos de *whatsapp* e pelo *Instagram* da pesquisadora, sendo observados todos os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conteve todas as explicações devidas ao participante, tais como o objetivo do presente trabalho, sua forma de desenvolvimento, bem como a necessidade de aceite do mesmo para a realização da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário on-line, acessado através de um link que encaminhou os participantes ao aplicativo de gerenciamento de pesquisas *Google Forms*.

Resultados e discussão

O questionário foi respondido por 35 pessoas, dessas 54,3% tinham de 31 a 40 anos, 31,4% de 41 a 50 anos e 14,3% de 20 a 30 anos, sendo 94,3% mães e 5,7% pais. A maioria,

77,1%, possui ensino superior completo, 8,6% superior incompleto, 11,4% ensino médio completo, e 2,9% ensino fundamental completo.

Em relação à profissão que exercem, 10 dos participantes trabalham na área da saúde, 10 realizam prestação de serviços, 4 são empresários, 4 dedicam-se aos cuidados do lar, 3 exercem funções na área jurídica, 2 são servidores públicos, 1 trabalha na área da educação e 1 é estudante. No que diz respeito à renda familiar, 28,6% recebem de 3 a 6 salários-mínimos, 20% de 6 a 9, 17,1% mais de 15, 14,3% de 9 a 12, 11,4% de 12 a 15 e 8,6% de 1 a 3 salários-mínimos.

Referente à idade do filho sobre quem a pesquisa foi respondida, 48,6% das respostas são relativas a crianças entre 10 e 12 anos, 25,7% entre 8 e 9 e igualmente 25,7% entre 6 e 7.

Os dados obtidos em resposta ao questionário foram analisados a partir dos objetivos específicos e divididos em quadros referentes a cada um deles.

Quadro 1 – Mudanças observadas na relação pais-filhos relacionadas à possíveis alterações ocorridas nas práticas educativas parentais.

| Perguntas | Concordo | Nem discordo nem concordo | Discordo |
|--|----------|---------------------------|----------|
| Percebi que mudei a forma de educar meu filho/a, exigindo mais comprometimento em relação aos estudos. | 54,3% | 8,6% | 37,1% |
| Percebi que me tornei mais permissivo/a com meu filho/a por conta do cansaço decorrente do aumento das demandas familiares, profissionais e escolares durante a pandemia. | 52,9% | 14,7% | 32,4% |
| Percebi que mudei a forma de educar meu filho/a, tornando-me mais permissivo/a, relevando comportamentos que antes seriam entendidos como inadequados, por exemplo: não fazer as tarefas da escola, dormir até mais tarde, ficar mais tempo frente às telas. | 45,7% | 5,7% | 48,6% |
| Percebi que me tornei mais superprotetor e permissivo com meu filho, tanto pelo medo da Covid-19 quanto pelo estresse emocional que a falta de contato com os amigos e familiares vem causando a ele. | 40% | 11,4% | 48,6% |
| Percebi que mudei a forma de educar meu filho/a, tornando-me mais rigoroso/a com a relação ao cumprimento de regras domésticas. | 37,1% | 11,4% | 51,4% |
| Considero muito importante que meu filho/a me obedeça e não costumo flexibilizar as regras estabelecidas por mim. Entendo que eu sou o adulto/a e sei o que é melhor para ele. | 28,6% | 20% | 51,4% |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

O Quadro 1 refere-se às mudanças observadas na relação pais-filhos relacionadas à possíveis alterações ocorridas nas práticas educativas parentais. A maioria dos pais concordou que se tornou mais permissivo em relação aos filhos diante do cansaço decorrente do aumento

das demandas familiares, profissionais e escolares durante a pandemia. Porém, quando apresentados determinados comportamentos realizados pelos filhos e entendidos como inadequados, a maioria discordou no que diz respeito a tornarem-se mais permissivos, ou seja, não passaram a relevar tais atitudes.

No que tange ao cumprimento de regras domésticas, a maioria dos pais discorda que passou a ser mais rigoroso em relação ao seu cumprimento. Por outro lado, no que se refere ao aspecto escolar, a maioria concordou que houve mudança em sua forma de educar, passando a exigir maior comprometimento das crianças em relação aos estudos.

No quesito flexibilização de regras, a maioria dos participantes discorda do item que aponta a sua inflexibilidade diante do fato dos pais serem os adultos e saberem o que seria melhor para os filhos. Houve também discordância da maioria diante da alternativa que apontava a percepção de terem se tornado mais superprotetores e permissivos, tanto pelo medo da Covid-19 quanto pelo estresse emocional que a falta de contato com os amigos e familiares causou às crianças.

A partir desses resultados, pôde-se identificar que a monitoria positiva (GOMIDE, 2014) se destaca como uma das principais práticas educativas aplicadas durante o período pandêmico, uma vez que, de acordo com os resultados, é possível inferir que os pais fizeram uso adequado da atenção e distribuição de privilégios aos filhos, mesmo diante de uma situação adversa, sendo flexíveis em relação ao cumprimento de atividades referentes ao lar, porém não permitindo comportamentos como a não realização de tarefas da escola, dormir até mais tarde ou ficar mais tempo em frente às telas, ações essas que poderiam prejudicar o desenvolvimento infantil.

Também foi possível observar a prática educativa parental denominada por Gomide (2014) como comportamento moral, pois os dados obtidos demonstraram que os pais passaram a estimular um maior comprometimento das crianças em relação aos estudos, visando assim ao desenvolvimento de virtudes como trabalho e responsabilidade.

Quadro 2 – Práticas educativas parentais que contribuíram para dirimir conflitos familiares (pais-filhos) surgidos durante a pandemia da Covid-19

| Perguntas | Concordo | Nem discordo e nem concordo | Discordo |
|--|----------|-----------------------------|----------|
| Quando meu filho/a se comporta de uma maneira que julgo inadequada, procuro conversar com ele/ela e compreender o motivo da sua atitude. | 94,3% | 5,7% | 0,0% |
| Permiti que meu filho/a passasse mais tempo utilizando aparelhos eletrônicos. | 82,9% | 8,6% | 8,6% |
| Quando meu filho/a não concorda com alguma regra determinada por mim, busco entender o motivo de sua discordância e tentar chegar a um acordo. | 60% | 11,4% | 28,6% |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

O Quadro 2 é relativo à identificação de quais práticas educativas parentais contribuíram para dirimir conflitos familiares (pais-filhos) surgidos durante a pandemia da Covid-19. A maioria dos pais concordou que permitiu que os filhos passassem mais tempo

utilizando aparelhos eletrônicos e que, quando as crianças discordavam de alguma regra determinada, buscavam entender o motivo da discordância e chegar a um acordo. Quando os filhos se comportam de maneira julgada inadequada pelos pais, também se observou a concordância da maioria dos participantes no sentido de que buscam conversar e compreender o motivo de tais atitudes. Diante desses resultados, pode-se observar novamente a prevalência da monitoria positiva como prática educativa preponderante, pois a resolução de conflitos foi mediada por meio do diálogo, do afeto e buscando compreender os motivos que levaram a comportamentos julgados como inadequados.

A análise também permite destacar o predomínio do estilo parental denominado por Baumrind (1966) como autoritativo para a resolução de situações conflituosas, uma vez que os pais procuraram incentivar o diálogo com os filhos e compartilhar com eles o raciocínio relacionado à maneira como agem. Ainda nesse ponto, a discordância em relação às regras estabelecidas pelos pais foi conduzida de forma a buscar compreender o motivo dessa reação por parte das crianças, procurando-se chegar a um acordo e não simplesmente impondo uma situação.

A permissão referente ao aumento do tempo em que as crianças passaram a utilizar os aparelhos eletrônicos é mais um exemplo do estilo parental autoritativo (BAUMRIND, 1966), eis que diante da impossibilidade de frequentar a escola, encontrar os amigos e principalmente, frente ao ensino remoto, os pais perceberam a necessidade que as crianças tiveram de passar mais tempo nos celulares, tablets e computadores. Assim, a exceção gerada pelo momento pandêmico, aliada a compreensão de que os filhos possuem necessidades e interesses inerentes à idade, justificaram o aumento da exposição às telas.

Quadro 3 – Práticas educativas parentais promotoras de mudanças avaliadas como positivas no comportamento dos filhos

| Perguntas | Concordo | Nem discordo e nem concordo | Discordo |
|---|----------|-----------------------------|----------|
| O diálogo na nossa família aumentou durante o período de pandemia, pois tivemos que explicar para nosso filho/a a gravidade da situação e o que poderíamos fazer para nos proteger da melhor forma e nos adaptar a essa nova realidade. | 71,4% | 22,9% | 5,7% |
| O ensino remoto foi uma oportunidade para estimular o desenvolvimento e autonomia do meu filho/a, pois eu nem sempre posso estar acompanhando seus estudos de perto ou cobrando a realização das tarefas. | 51,4% | 20% | 28,6% |
| Sinto que meu filho/a está sendo privado/a de muitas coisas nesse momento, então acabo não cobrando tanto dele em relação à escola e o deixo fazer mais atividades de lazer. | 37,1% | 22,9% | 40% |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

Estão identificadas no Quadro 3 quais práticas educativas parentais promoveram mudanças avaliadas como positivas no comportamento dos filhos. Nesse sentido percebeu-se o

aumento do diálogo entre pais e filhos diante do delicado período de pandemia. O fato das crianças passarem a estudar em casa foi compreendido pela maioria dos pais como uma oportunidade para estimular o desenvolvimento e autonomia dos filhos, pois os responsáveis nem sempre poderiam estar acompanhando seus estudos de perto ou cobrando a realização das tarefas. A maioria discordou que por sentir que seu filho estava sendo privado de muitas coisas diante do isolamento social, passou a não cobrar com tanto rigor as atividades relacionadas à escola, permitindo mais tempo de lazer.

A pandemia exigiu uma readaptação na rotina de pais e filhos. O estudo passou a ser realizado de forma remota e essa nova realidade foi aproveitada pelos pais como uma oportunidade para estimular a autonomia das crianças, pois nem sempre podiam estar o tempo todo os acompanhando nessas atividades em virtude de suas demandas pessoais e profissionais, as quais também sofreram alterações durante o período de isolamento social.

Mais uma vez a monitoria positiva (GOMIDE, 2014) teve destaque como promotora de mudanças avaliadas como positivas no comportamento dos filhos, acompanhada do estilo parental autoritativo. Por mais que sentissem que os filhos estavam sendo privados de muitas coisas devido à pandemia da Covid-19, isso não foi motivo para os pais tornarem-se permissivos em relação às atividades escolares ou ao excesso de atividades de lazer. Pelo contrário, percebe-se que o comportamento moral (GOMIDE, 2014) foi uma prática educativa amplamente adotada nesse contexto, o que propiciou às crianças maior senso de trabalho, responsabilidade e a capacidade de reconhecer o certo e o errado.

Quadro 4 – Práticas educativas parentais relacionadas aos comportamentos dos filhos julgados como inadequados

| Perguntas | Concordo | Nem discordo e nem concordo | Discordo |
|--|----------|-----------------------------|----------|
| Percebi mudanças significativas de comportamento no meu filho/a, como por exemplo, agitação, falta de atenção na realização de suas atividades escolares e baixa tolerância à frustração. | 60% | 14,3% | 25,7% |
| Percebo que quando brigo com meu filho/a, cobrando que faça seus deveres da escola ou que saia do celular, seu comportamento piora. | 25,7% | 14,3% | 60% |
| Quando exijo que meu filho/a cumpra alguma regra determinada por mim e ele não o faz, isso acaba por gerar um comportamento hostil e agressivo por parte dele/a. Para evitar que isso aconteça, acabo muitas vezes por relaxar ou não fazer valer as regras que eu mesmo/a determinei. | 11,4% | 8,6% | 80% |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

O Quadro 4 reflete quais práticas educativas parentais puderam ser relacionadas aos comportamentos dos filhos julgados como inadequados. A maioria dos pais discordou que o fato de brigarem com os filhos em virtude de cobranças relacionadas ao cumprimento dos deveres escolares ou do uso do celular acarreta uma piora do comportamento das crianças.

Também houve discordância da maior parte dos participantes em relação ao relaxamento de regras previamente impostas, em razão do comportamento hostil e agressivo que os filhos possam vir a ter por conta de não quererem cumprir com o que foi estabelecido pelos pais.

A maioria percebeu que houve mudanças significativas de comportamento em seus filhos, como por exemplo, agitação, falta de atenção na realização de suas atividades escolares e baixa tolerância à frustração.

Os resultados mostram que os pais foram firmes e mantiveram as regras já estabelecidas mesmo diante de situações conflituosas com os filhos, e que isso não foi motivo para uma piora do comportamento das crianças. Nesse contexto nota-se a prevalência de uma das dimensões do modelo teórico referente aos estilos parentais apresentado por Maccoby e Martin (1983 apud BENCHAYA et al., 2011) denominada exigência, eis que os dados trazidos nesta pesquisa mostram que os pais tiveram o objetivo de controlar e monitorar o comportamento dos filhos, estabelecendo regras e impondo limites.

Práticas educativas parentais negativas tais como a negligência, a disciplina relaxada, a punição inconsistente e a monitoria negativa (GOMIDE, 2003), não apareceram de forma expressiva nesta pesquisa. Por outro lado, nota-se mais uma vez a presença da monitoria positiva e do comportamento moral (GOMIDE, 2014) como as práticas educativas mais prevalentes nesse contexto no qual os pais, mesmo diante da frustração ou hostilidade dos filhos, continuaram a observar o cumprimento das regras e buscaram promover e estimular a responsabilidade das crianças mesmo inseridas em um cenário com tantas adversidades.

Quadro 5 – Desafios encontrados pelos pais para organizar a rotina familiar em relação aos filhos

| Perguntas | Concordo | Nem discordo e nem concordo | Discordo |
|---|----------|-----------------------------|----------|
| Conciliar minha vida profissional com o aumento das demandas enquanto pai/mãe fez com que muitas vezes me sentisse esgotado/a e perdesse a paciência com meu filho/a. | 77,1% | 8,6% | 14,3% |
| O ensino remoto foi uma situação geradora de estresse e conflitos familiares, pois meu filho/a teve dificuldades de se concentrar nas aulas e comprometer-se com as atividades propostas pelos professores. | 71,4% | 8,6% | 20% |
| Me sinto culpado/a por não conseguir dar a atenção que gostaria ao meu filho/a, pois preciso conciliar as demandas profissionais, pessoais e aquelas que surgiram a partir do ensino remoto. | 60% | 11,4% | 28,6% |
| Preciso repetir várias vezes a mesma coisa para meu filho, o que deixa muito estressada e acaba por causar discussões entre nós. | 54,3% | 17,1% | 28,6% |
| Tem sido difícil controlar o tempo de exposição do meu filho/a às telas (celular, computar, tablet), fato que acabou por gerar muitas brigas e estresse entre nós. | 37,1% | 20% | 42,9% |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

O Quadro 5 buscou identificar os desafios encontrados pelos pais para organizar a rotina familiar em relação aos filhos. A maioria dos pais concordou que acabou ficando mais estressado e discutindo com os filhos por precisar repetir várias vezes a mesma coisa. A necessidade de conciliar as demandas profissionais, pessoais e aquelas que surgiram a partir do ensino remoto causou sentimento de culpa na maioria dos participantes, os quais perceberam que esses fatores os fizeram não conseguir dar a atenção que gostariam aos filhos.

O ensino remoto apareceu como uma situação geradora de estresse e conflitos familiares para a maioria dos participantes, pois perceberam que os filhos tiveram dificuldades de se concentrar nas aulas e comprometer-se com as atividades propostas pelos professores.

A maioria discordou sobre ter sido difícil controlar o tempo de exposição dos filhos às telas, e que esse fato tenha gerado muitas brigas e estresse entre pais e filhos.

Por fim, a maioria dos participantes concordou que conciliar vida profissional com o aumento das demandas enquanto pai/mãe fez com que muitas vezes se sentissem esgotados e perdessem a paciência com as crianças.

A partir dos resultados trazidos pelo questionário compreende-se que foram muitos os desafios encontrados no que diz respeito à organização da rotina familiar. Pais e filhos viram-se impelidos a se adaptar a uma nova forma de conviver, trabalhar e estudar, em virtude do isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

Cabe ainda destacar alguns pontos interessantes encontrados no resultado desta pesquisa, como por exemplo os que dizem respeito à permissividade dos pais em relação a determinados comportamentos dos filhos. Quando convidados a pensar sobre esse aspecto de uma forma geral, a maioria concordou que o cansaço oriundo do aumento das demandas trazidas pela pandemia fez com que agissem de forma mais permissiva com os filhos. Entretanto, quando a permissividade foi associada à determinadas atitudes das crianças como dormir até mais tarde, não fazer as atividades escolares ou extrapolar o tempo em frente às telas, a maioria dos pais demonstrou a manutenção de um estilo parental mais autoritativo e menos permissivo (BAUMRIND, 1966). Portanto, é possível inferir que a maioria dos participantes foi hábil no sentido de entender quais eram os momentos adequados para que pudessem relaxar um pouco mais as regras e quais aqueles nos quais deveriam mantê-las a fim de propiciar aos filhos um ambiente seguro no qual pudessem desenvolver virtudes como a responsabilidade e empatia diante da delicada situação pela qual toda família estava enfrentando.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo identificar quais foram as principais mudanças percebidas pelos pais relacionadas às suas práticas educativas parentais no contexto da Covid-19. O público-alvo deste estudo foram pais com filhos na faixa dos 6 aos 12 anos, pois é nesse período que acontece a alfabetização e, conseqüentemente, o aumento das demandas escolares. Nesta etapa de vida também acontecem significativas mudanças nos aspectos psicológicos e cognitivos das crianças. Todas essas dimensões foram afetadas de alguma maneira durante a pandemia, trazendo novos desafios aos pais.

Os resultados oriundos deste trabalho apontam que a pandemia foi responsável por grandes mudanças na rotina das famílias, o que exigiu algumas adaptações na forma com a qual os pais passaram a educar seus filhos. Porém, mesmo diante de um cenário tão adverso como

foi o da Covid-19, percebeu-se que as mudanças e adaptações relativas à forma com a qual os pais passaram a educar seus filhos foram intermediadas, em sua maioria, pela adoção de práticas educativas positivas, tais como a monitoria positiva e o comportamento moral, em detrimento daquelas consideradas negativas, tais como a negligência, a disciplina relaxada, a punição inconsistente e a monitoria negativa.

A monitoria positiva teve destaque a partir da análise dos resultados, os quais demonstraram que, no período da pandemia, a maioria dos pais alcançou êxito ao fazer o uso adequado da atenção e distribuição de privilégios aos filhos, permitindo algumas adaptações referentes às atividades do lar. No entanto, mantiveram-se firmes no sentido de não permitir que os filhos agissem de forma que pudesse prejudicar seu desenvolvimento, tanto cognitivo quanto psicológico. Dessa forma, a não realização de atividades escolares ou o uso excessivo e indiscriminado das telas não foram comportamentos permitidos pelos pais.

Os dados ainda permitem salientar que a maioria dos pais buscou resolver os conflitos com seus filhos por meio do diálogo, do afeto e procurando entender os motivos que levaram as crianças a comportarem-se de maneiras julgadas como inadequadas.

As respostas dos pais possibilitaram destacar o comportamento moral como prática educativa bastante observada dentro do contexto da Covid-19. A partir dos elementos obtidos por meio do questionário, verificou-se que os pais procuraram estimular seus filhos a comprometerem-se mais com os estudos e demais atividades do lar, atitude essa que auxilia na aquisição de princípios como a responsabilidade e a valorização do trabalho em seus diversos aspectos.

No que tange aos estilos parentais, com base nesta pesquisa foi possível identificar o estilo autoritativo como prevalente na busca da solução de conflitos entre pais e filhos, bem como a prevalência do apego seguro dos filhos em relação aos pais. Isso porque os dados apontam que os pais buscaram incentivar o diálogo com as crianças a fim compreender o motivo de determinados comportamentos, não apenas agindo de forma impositiva e sem diálogo. Esses fatores, somados a pais sensíveis às necessidades das crianças, têm maior probabilidade de proporcionar a elas um ambiente saudável para o seu desenvolvimento.

Com relação aos objetivos propostos, eles foram alcançados pela utilização do método escolhido, porém os estudos nesse sentido ainda são escassos, principalmente no que diz respeito à forma como os pais passaram a educar seus filhos em uma realidade tão diversa daquela então conhecida.

Cumprindo ainda destacar que os resultados foram obtidos por meio das respostas de 35 participantes em sua maioria na faixa etária dos 31 aos 40 anos, com ensino superior completo, filhos com idades de 10 a 12 anos e renda familiar acima de 6 salários-mínimos. Sendo assim, percebe-se a importância de realizar outras pesquisas nesse mesmo sentido, porém com populações mais diversas no que diz respeito à idade, poder aquisitivo, escolaridade e faixa etária das crianças, pois todas essas variáveis impactam na forma como esses pais viveram os desafios da prática da parentalidade no contexto pandêmico.

Também se sugere a realização de pesquisas sobre essa mesma temática com crianças e adolescentes, pois a percepção desse público a respeito de como os pais exerceram a parentalidade no contexto da pandemia pode gerar importantes discussões para o meio acadêmico.

Por fim, os resultados deste trabalho contribuem tanto para a comunidade acadêmica, quanto para o público em geral no sentido de auxiliá-los na compreensão a respeito da maneira

como as práticas educativas parentais foram impactadas pela Covid-19. Os dados obtidos poderão ainda servir tanto para registro histórico como para fonte de futuras pesquisas.

Referências

BAUMRIND, D. Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. **Child Development**, v. 37, n. 4, p. 887-907, 1966. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1126611>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BAUMRIND, D. The discipline encounter: contemporary issues. **Aggression and Violent Behavior**, v. 2, n. 4, p. 321-335, 1997. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1359178997000189>. Acesso em: 30 maio 2021.

BENCHAYA, M. C. et al. Pais não autoritativos e o impacto no uso de drogas: a percepção dos filhos adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 87, n. 3, p. 238-244, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/pkSL7RRKJqvhRtBWxMM3s3H/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.

BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa: do nascimento à terceira idade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 2017.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

COSTA, F. T.; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 13, n. 3, p. 465-473, 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/j/prc/a/xPRZKWCmHVHrdzwL6HDHwRd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2021.

COYNE, L. W. et al. First things first: parent psychological flexibility and self-compassion during COVID-19. **Behavior Analysis in Practice**, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40617-020-00435-w>. Acesso em: 4 jun. 2021.

DARLING, N; STEINBERG, L. Parenting style as context: an integrative model. **Psychological Bulletin**, v. 113, n. 3, p. 487-496, 1993. doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/1993-29246-001.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

FERNANDES, D. V.; CAIADO, B.; MOREIRA, H. **Parentalidade em tempos de pandemia saúde mental e estratégias parentais para lidar com os desafios da covid-19.** 2020. Disponível em: <https://is.gd/2x1SR7>. Acesso em: 26 abr. 2021.

FIOCRUZ. Saúde mental e atenção psicossocial na Pandemia Covid-19 – Crianças na Pandemia Covid-19. 2020a. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as_pandemia.pdf. Acesso em: 8 jun. 2021.

FIOCRUZ. Saúde mental e atenção psicossocial na Pandemia covid-19: recomendações gerais. 2020b. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%C3%A7%C3%B5es-gerais.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

GIL A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMIDE, P. I. C. Estilos parentais e comportamento anti-social. *In*: PRETTE, A.; PRETTE, Z. A. P. (eds.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem:** questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Alínea, 2003. p. 21-60.

GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes, pais ausentes:** regras e limites. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de estilos parentais:** modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HEILBORN, M. L. A.; PEIXOTO, C. E.; BARROS, M. M. L. Tensões familiares em tempos de pandemia e confinamento: cuidadoras familiares. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/HZrBGxLgJTfdHXNPQM36CFM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 Apr. 2021.

HOFFMAN, M. L. Discipline and internalization. **Developmental Psychology**, v. 30, n. 1, p. 26-28, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0012-1649.30.1.26>.

HOFFMAN, M. Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. **Developmental Psychology**, v. 11, n. 2, p. 228-239, 1975. <https://doi.org/10.1037/h0076463>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/1975-20841-001.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

IGLESIA, Y. R. Parentalidade e desenvolvimento infantil em tempos de Pandemia. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 3, p. 1578-1601, 2020. doi:10.20396/rfe.v12i3.8661983. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661983/25881>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LEBOW, J. L. The Challenges of COVID-19 for divorcing and post-divorce families. **Family Process**, v. 59, n. 3, p. 967-973, 2020. <http://dx.doi.org/10.1111/famp.12574>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/famp.12574>. Acesso em: 15 maio 2021.

LEE, J. Mental health effects of school closures during COVID-19. **The Lancet Child & Adolescent Health**, v. 4, n. 6, p. 421, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642\(20\)30109-7/fulltext#articleInformation](https://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642(20)30109-7/fulltext#articleInformation). Acesso em: 6 jun. 2021.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, v. 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrYD84R5ywKWBqwbRzLzd8C/?lang=pt#>. Acesso em: 3 jun. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTÍ, E. Processos cognitivos básicos e desenvolvimento intelectual entre os seis anos e a adolescência. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 233-251.

MORENO, M. C. Desenvolvimento e conduta social dos seis anos até a adolescência. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 287-308.

NEUMANN, A. L. et al. Impacto da pandemia por covid-19 sobre a saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. In: CAVALCANTI, W. M. (org.). **Pandemias: impactos na sociedade**. Belo Horizonte: Synapse, 2020. p. 56-66. Disponível em: <https://www.editorasynapse.org/wp-content/uploads/2020/10/Pandemias-V0.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2020.

ONU. Fechar escolas desestabilizou vida de crianças: como podemos ajudá-las a continuar aprendendo. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85420-artigo-fechar-escolas-desestabilizou-vida-de-criancas-como-podemos-ajuda-las-continuar>. Acesso em: 11 abr. 2021.

OPAS; OMS. Folha informativa sobre COVID-19. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 11 abr. 2021.

PACHECO, J. T. B.; SILVEIRA, L. M. O. B.; SCHNEIDER, A. M. A. Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. **Psico**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 66-73, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucri.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1480/2797>. Acesso em: 10 maio 2021.

PAGGI, K.; GUARESCHI, P. O desafio dos limites: um enfoque psicossocial na educação dos filhos. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PALACIOS, J.; HIDALGO, V. Desenvolvimento da personalidade dos seis anos até a adolescência. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. (org.). Desenvolvimento psicológico e educação. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 252-267.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

PRIME, H.; WADE, M.; BROWNE, D. T. Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *American Psychologist*, v. 75, n. 5, p. 631-643, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/amp0000660>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2020-34995-001.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

REPPOLD, C. T. et al. Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In: HUTZ, C. S. (org.). Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 9-51.

SILVA, A. J. H. Metodologia de pesquisa: conceitos gerais. 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/handle/123456789/841>. Acesso em: 10 Jun. 2021.

SILVA, I. M. et al. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 12-28, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v24n1/v24n1a03.pdf>. Acesso em 03 jun. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de Orientação Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021). 2017. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/manual-de-orientacao-grupo-de-trabalho-saude-na-era-digital-2019-2021-menos-telas-mais-saude/>. Acesso em: 30 abr. 2021.